

## Editorial

### “Pensar a educação na História: intelectuais, práticas e discursos”

No lançamento da 30ª edição da *Temporalidades*, revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, o dossiê temático, “Pensar a educação na História: intelectuais, práticas e discursos”, levanta discussões que abordam diversos eixos temáticos como História da Educação, História dos Intelectuais, História Intelectual e História Política.

Para além do debate acadêmico, a publicação deste dossiê se torna urgente devido aos ataques que o campo e as instituições de educação vêm sofrendo, especialmente no ano corrente. Destacamos os cortes de verbas feitos pelo atual governo federal destinadas ao ensino público, de todos os níveis, comprometendo pesquisas, a manutenção do quadro de docentes, e, até mesmo, o simples funcionamento de prédios. Além disso, a ascensão de grupos “anticiência”, já denunciados em nossa edição anterior, vem constrangendo pesquisadores e docentes da área de educação quando tais grupos negam a existência de eventos, invalidam resultados de pesquisas científicas e se posicionam favoráveis à maior restrição de verbas destinadas à área da educação. Nesse sentido, é importante ressaltar a existência das iniciativas discentes como a *Revista Temporalidades*, que em 2019 comemora uma década. Ainda que os tempos sejam difíceis, a *Revista Temporalidades* segue e seguirá firme na produção e divulgação do conhecimento científico.

Em meio a tal conjuntura, propomos o Dossiê Temático: “Pensar a educação na História: intelectuais, práticas e discursos”. O objetivo desta organização é promover reflexões, sob a perspectiva histórica, acerca da educação e do papel dos intelectuais para, com isso, melhor responder às questões do tempo presente. Territórios plurais, as temáticas propostas no Dossiê contemplam períodos, contextos e assuntos diversos e muito ricos, trazendo interdisciplinaridade e discussões profícuas para a produção historiográfica.

Agradecemos a gentileza e competência com que o Prof. Dr. Sidmar dos Santos Meurer se disponibilizou a organizar e apresentar este dossiê. Também ao Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho, que atenciosamente nos concedeu uma entrevista que trata não só dos campos de História da Educação e Intelectualidade, como também do contexto sócio-político que

atravessamos. Agradecemos fortemente aos autores que construíram conosco o dossiê temático e, com isso, reforçaram a importância da História da Educação e seus eixos de pesquisa.

Também são motivo de agradecimentos, os autores que contribuíram com a sessão de artigos livres que compõem esta edição:

Ao analisar crônicas da série “Bons Dias!”, Wemerson Felipe Gomes busca compreender as estratégias político-literárias adotadas por Machado de Assis, no artigo “Abolicionistas e republicanos na série Bons Dias!, de Machado de Assis”, para tratar de questões polêmicas à época, sem se expor demasiadamente.

Emilly Joyce Oliveira Lopes Silva, em seu artigo “A faceta política da Tentativa Teológica (1766): relações estado-igreja na obra de um ilustrado português”, visita os argumentos e princípios teóricos e políticos que orientaram as medidas pombalinas ao calçar os sapatos do teórico do reformismo ilustrado lusitano, Antônio Pereira de Figueiredo.

Jorge Tibilletti de Lara apresenta a transcrição da Nota Clínica “A febre dengue em Curityba”, de autoria do médico Trajano Joaquim dos Reis (1852-1919), texto publicado na Gazeta Médica da Bahia em 1896 e cujo valor histórico reside no fato de ser considerado um dos primeiros relatos de ocorrência da dengue em território brasileiro. O historiador relaciona a publicação com a trajetória do autor e com outros artigos encontrados em periódicos médicos e a articula com a historiografia acerca do tema, de maneira a elucidar o estatuto nosológico da doença descrita pelo esculápio, e em que medida ela pode se relacionar com o que hoje entendemos por dengue.

A partir da História urbana e da cultura material, Andressa Freitas propõe no artigo “A história urbana numa perspectiva global: alguns aspectos do debate historiográfico” pensar a cidade como um emaranhado de temporalidades e intenções.

Em “A historiografia sobre as leis florestais do medievo inglês (sécs. XI – XIII)”, de José Vitor de Lucena Canabrava, a discussão parte de uma visão crítica acerca da produção dos historiadores sobre as leis florestais. No texto, o papel do poder régio e a batalha de Hastings figuram como plano de fundo para compreensão da produção historiográfica acerca das leis florestais.

Ao analisar as músicas do chamado rock neofascista, Pedro Carvalho de Oliveira, no artigo “Charlottesville e o neonazismo em marcha nos Estados Unidos”, busca compreender as particularidades do neonazismo estadunidense e mapear as suas raízes.

O trabalho de Chrislaine Janaina Damasceno, intitulado “Contraponto ao texto ‘Identidade moral e autonomia privada: o caso Foucault’”, busca analisar as interpretações sobre poder e a função do intelectual em Foucault feitas por Richard Rorty.

Em “Critérios para produção de arte sacra imaginária no Brasil colonial, a partir das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia”, Danilo Pinto dos Santos analisa os critérios de produção da arte sacra imaginária no século XVIII, no Brasil Colônia, por meio das categorias de representação e cultura.

Em “Darcy Ribeiro: uma interpretação evolucionista da América Latina”, Rafael Gomes Nogueira Pereira discorre sobre a explicação dada pelo antropólogo à situação de atraso e penúria. Segundo o historiador, Ribeiro recorre ao evolucionismo sociocultural para conceber uma teoria global do desenvolvimento das sociedades humanas, pensando como a América Latina se insere nesse desenvolvimento histórico.

Ao focar em duas fotografias de um mesmo lugar, mas separadas por um século, a historiadora Thais dos Santos Portella, em seu artigo “Duas fotografias e um mesmo espaço urbano: a Praça Mauá”, investiga o que tentavam comunicar essas imagens, para além do que elas exibem.

A partir da História da Ciência, Márcio Henrique Bertazi discute as contribuições de Galileu e Descartes para elaboração do conceito de inércia no artigo intitulado “Da relatividade de movimentos ao universo pleno: as concepções de inércia em Galileu e Descartes”.

O artigo “Dos vermes aos astros: a disputa pela teoria e cura da peste febril em Pernambuco (1680-1690)”, de Bernardo Manoel Monteiro Constant, aborda a questão do fluxo de pessoas nas rotas do Império Português devido ao combate de doenças em Pernambuco, nas décadas de 1680-1690.

Utilizando categorias analíticas de Pierre Bourdieu e Michel de Certeau, André Cordeiro e Rosângela Zulian analisam os discursos papais em relação à devoção do Rosário de Virgem Maria entre 1469 e 1573 no artigo intitulado “‘É bom que os fiéis saibam que esta Devoção é aprovada pelos Sumos Pontífices’: o discurso papal e a devoção ao Rosário da Virgem Maria (1469-1573)”.

No artigo “Engajamento e produção intelectual em El Mono Azul e Hora de España”, Douglas de Freitas Pereira analisa dois periódicos espanhóis que reuniram importantes intelectuais e foram publicados durante a Segunda Guerra Civil Espanhola, com o objetivo de demonstrar o engajamento intelectual antifascista naquele período.

Em “Gênero, infância e política social no Boletim da LBA (Paraíba, 1947-1955)”, o historiador José dos Santos Costa Junior faz uso das ferramentas teórico-metodológicas de Michel Foucault para analisar o Boletim da LBA, na Paraíba, e buscar questionar as estratégias criadas para dar visibilidade ao problema da infância naquele momento.

Em “Impressos e as Guerras Civis Inglesas (1640-1660)”, a historiadora Livia Bernardes Roberge retoma as Guerras Civis Inglesas do século XVII pelo prisma da censura e da popularização da cultura escrita.

No artigo “Introdução e aclimação de seringueiras brasileiras na África colonial”, Ruben Souza discute sobre o trânsito biológico das seringueiras brasileiras na África central, sob uma perspectiva da história ambiental da África.

Em trabalho conjunto, Walter Francisco Figueiredo Lowande, José Carlos dos Santos Júnior, Matheus Felipe Francisco, Leonardo Ueda da Mata e Wilma da Conceição Alves Rosa, analisaram as representações sobre a história do Brasil, os conceitos históricos apresentados e a produção de sentido no jogo eletrônico “Sid Meier’s Civilization VI: rise and fall”, no artigo “Leituras preliminares sobre alguns conceitos e procedimentalidades contidos no jogo Sid Meier’s Civilization VI: Rise and Fall”.

Ao se debruçar sobre duas narrativas diferentes sobre um mesmo evento, a historiadora Maria Visconti, em seu artigo “Narrar o inenarrável; representar o irrepresentável: Os limites de representações de Auschwitz aos olhos de Art Spiegelman e Primo Levi”, tensiona as possibilidades e limites da narrativa e da representação.

Matheus Vargas de Souza, no artigo “Nativos americanos na BNCC: entre Pré-História e Antiguidade?”, problematiza a permanência de visões eurocêntricas sobre os nativos americanos na, recentemente homologada, terceira versão da Base Nacional Comum Curricular.

Ao discutir o surgimento dos intelectuais a partir do Caso Dreyfus, Eduardo Leite Lisboa, em “Notas sobre o clerc medieval”, levanta a discussão sobre o surgimento dessa figura em uma diferente temporalidade, qual seja a Idade Média, apresentando o perfil desses intelectuais compreendidos como gentes de saber do século XII e XIII.

Ricardo Alves da Silva Santos se debruça sobre o movimento abolicionista brasileiro, sob a perspectiva de Alagoas. Em “O abolicionismo como projeto de reforma: a liberdade controlada”, o historiador discute dois projetos para o fim da escravidão: o dos emancipadores e o dos abolicionistas.

A partir da análise de “Gaúchos e Beduínos” (1948), de Manoelito de Ornellas, Pâmela Cristina de Lima, em seu artigo “O gaúcho – da liberdade absoluta da natureza à renúncia da existência socialista: a configuração do sistema de propriedades na obra de Manoelito de Ornellas”, destaca a orientação luso-brasileira na historiografia da época e as contribuições hispano-platinas desse autor para os estudos sobre a transição de um sistema de pastoreio para o de estâncias.

Denis Henrique Fiuza, em “O Grito do Pantanal: a narrativa apocalíptica da revista Globo Rural (1985-1987)”, através da história ambiental e da ecocrítica, busca compreender como é projetada uma narrativa que visa construir a natureza e suas transformações, por meio da utilização de metáforas de linguagens apocalípticas.

A partir de uma abordagem da História Social, Andrey de Souza, em seu artigo “Os estudantes e as lutas pela democracia: o movimento estudantil e Montes Claros - MG nos anos 1980”, discute o papel de secundaristas e universitários nas mobilizações contra a ditadura militar na década de 1980.

Ao se debruçar sobre as comemorações do centenário da morte do Marquês de Pombal, o historiador Gustavo Pereira, em seu artigo “Passado em papel-jornal: Pombal, “A Folha Nova” e “A Palavra” – impressões em disputa no centenário do marquês (Porto, 1882)”, investigou as mobilizações feitas do passado para se ecoar visões específicas sobre a política e a história.

Elias Alfama Vaz Moniz, em seu artigo “Processos educativos em dinâmicas coloniais e pós-coloniais em Cabo Verde: novas abordagens, questões e procedimentos metodológicos”, realiza um amplo levantamento historiográfico e reflete sobre os processos educativos coloniais e pós-coloniais em Cabo Verde.

Mateus Barroso Sacoman, em “Vargas Llosa, sob as perspectivas de campo e habitus”, faz uso dos conceitos de Pierre Bourdieu para buscar compreender como o escritor Vargas Llosa se insere e pleiteia um lugar no campo de escritor engajado.

Por fim, queremos agradecer a todos e a todas que contribuíram para que esta edição viesse ao ar, marcando o início dos trabalhos da nova comissão 2019/2020.

Excelente leitura e reflexão a todos e a todas,

**Allysson Fillipe Oliveira Lima**

**Gisele Gonçalves Dias Pinto**

**Kelly Morato de Oliveira**